

## O MANIFESTO DE MARX E ENGELS

Tânia Miranda, historiadora, mestre em educação.

[tania.miranda@terra.com.br](mailto:tania.miranda@terra.com.br)

Há 162 anos, em 1848, surge, em alemão, a primeira edição do documento político mais importante da era moderna: o *Manifesto Comunista*, escrito entre dezembro de 1847 e janeiro de 1848, por dois jovens alemães ainda desconhecidos - Karl Marx, 30 anos e Friedrich Engels, 28. Publicado em quase todos os idiomas, transformou-se num clássico da política e da cultura contemporânea, em um dos textos mais lidos e mais influentes do mundo e num marco histórico para quem não desistiu de sonhar com a revolução socialista e de lutar por ela. O fascínio e atualidade dessa pequena obra prima resistem ao tempo.

O ano de 1848 foi sacudido por um furacão revolucionário que assustou o papa, o czar e os imperadores. Atingiu a França, a Prússia, o Império Austro-Hungáreo, a Itália, a Polônia, a Romênia, o que foi a antiga Iugoslávia, a Bélgica, Suíça, Dinamarca e até teve sua versão brasileira com a Revolução Praieira, em Pernambuco. Só Inglaterra, Rússia, península ibérica, Grécia e Império Otomano escaparam, embora se mantivessem de sobreaviso.

Precederam ao *Manifesto* tempos históricos de grandes transformações e rupturas. Era a emergência da modernidade, da razão instrumental, do mercado capitalista, da laicização do mundo. O tempo de uma esfera política autônoma, de Maquiavel e o seu *O Príncipe*; o tempo de Lutero e do fim do monopólio da Igreja; do *Elogio da Loucura* de Erasmo, dos *Os ensaios* de Montaigne. Tempos do riso e da transgressão com Rabelais e Villon. Do *Leviatã* de Hobbes; de Locke com o seu *O Segundo Tratado do Governo Civil*. Do mesmo modo que o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Rousseau, e a *Enciclopédia*, de Diderot e D'Alembert, são ingredientes do sonho de liberdade.

O *Manifesto* tem estilo didático, incisivo, elegante. Com simplicidade, desvenda os fundamentos da sociedade capitalista da época e, em síntese, capta os elementos contraditórios do mundo moderno que então se formava. Analisa com precisão o papel revolucionário da burguesia em ascensão e o caráter paradoxal de uma sociedade que tem sua existência condicionada ao estado de mutação permanente. Revela com clareza como essa sociedade frustra suas próprias promessas, pois o imenso potencial criador que liberta fica aprisionado a um único fim: o de acumular capital.

A sua genialidade reside, ainda, no fato de que, em poucas páginas, carimba o socialismo e, em consequência, o movimento operário contemporâneo, com uma base científica, expõe com objetividade uma interpretação programática das lutas de classes no capitalismo, a partir da sua forma até então mais desenvolvida, apostando num modelo de sociedade baseado na igualdade social e na rejeição à opressão. A conclamação à emancipação coletiva

presente no *Manifesto* torna-se eterna e se atualiza a cada geração que se recusa a dizer sim.

Há no *Manifesto* um programa sintetizado de 10 pontos. Impressiona a absoluta atualidade de algumas propostas: expropriação da propriedade latifundiária; imposto fortemente progressivo; abolição do direito de herança; centralização do crédito nas mãos do Estado, através de um banco nacional com capital estatal e monopólio exclusivo. O último ponto tem incidência geral, mas é particularmente pertinente para o Brasil: educação pública e gratuita, supressão do trabalho infantil, integração da educação formal com a educação profissional. Diante da sua dramática atualidade seria ocioso comentar este último ponto.

Marx e Engels provocam o movimento operário propondo a sua organização autônoma, que, vitoriosa, contribuiu, para as significativas conquistas nas décadas seguintes. Mas, se seguidores desses pensadores, equivocadamente, adotaram suas ideias como uma doutrina completa e fechada, transformando-a em dogmas, a responsabilidade por tal desvio não pode ser atribuído aos seus autores. De 1848 até os dias atuais, os trabalhadores experimentaram a plenitude de sua força e poder, quanto amargaram derrotas dilacerantes. De 1848 até hoje, ainda se coloca a tarefa de resistir ao poder que impõe fome e miséria a significativa parcela da humanidade, submetida ao despotismo do capital globalizado.

Publicado pelo jornal A Tarde, Bahia, em 20/01/2010.